



A DOCÊNCIA COMO ATO PERFORMATIVO

Autora: Luciana Izis Silva de Abreu; orientador: Ivanido Amaro de Araújo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Email: Lu.izis.abreu@gmail.com

RESUMO: Este texto é um recorte da dissertação intitulada: A docência como performatividade e os discursos de subversão. A docência é nomeada como um trabalho feminino pois as mulheres são a grande massa que exerce a profissão, logo discutir o magistério, implica em trabalhar questões de gênero. Percebemos que os discursos que envolvem a docência, a partir da feminização docente no século XIX, estiveram sempre ligados a atributos ditos femininos, mas de que feminino estamos falando? Consideramos que a docência pautada em atributos como o amor, abnegação, paciência estiveram ligados a um único modelo de feminilidade valorizado, em detrimento de outras feminilidades presentes: esta professora feminina fora a única representação que tivemos ao longo da história sobre mulheres no magistério está inserido numa lógica heteronormativa. Contudo, não podemos dizer que esta fora a única feminilidade que está presente na docência pois há diversas feminilidades que não estão visibilizadas. A partir do conceito butleriano de performatividade, trabalho a docência como um ato performativo que gere quais atributos uma professora necessita para ser considerada uma *boa* professora: esta necessita de ter seu gênero dentro da inteligibilidade para ser considerada uma boa docente capaz de transmitir conhecimentos e valores aos seus alunos. Os discursos performativos que pairam sobre a docência são reguladores de um feminino universal, que não representam todas as feminilidades que estão no magistério. Além disso, percebo que a presença destas professoras causa discursos de subversão pois estas quando exercem a docência nos mostra a desnaturalização dos atributos exigidos para ser uma docência e principalmente o quanto estes são reguladores para a prática em sala de aula.

Palavras-chave: docência, feminino hegemônico, performatividade, subversão.

INTRODUÇÃO

Atualmente é quase inconcebível pensar na docência sem ligar a um trabalho feminino. O Brasil conta com 74, 4% de professoras mulheres na medida em que apenas 25, 6% são homens nos anos finais do Ensino Fundamental, no caso do Ensino Médio este percentual passa respectivamente entre mulheres e homens de 64, 4% e 36,6%. Mesmo que a pesquisa do INEP faça a análise de gênero de maneira

binária, sem considerar as diversas autodeclarações, o magistério é composto principalmente por mulheres. Ao considerarmos então os anos iniciais, este percentual só aumenta: nas creches e pré-escola elas correspondem respectivamente a 97, 9% e 96,1% e no primeiro segmento ela são 91,2%. Isso se dá após um processo denominado por acadêmicos como feminização docente que ocorreu a partir do século XIX que se consistiu na ocupação dos postos de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

trabalho por mulheres, algo que até então era exercido por homens.

Guacira Louro (1997) coloca que os discursos que permeiam a docência se feminizaram antes que as mulheres ocupassem a profissão de fato. A partir do século XIX algumas transformações sociais permitiram a entrada das mulheres no magistério: as mudanças sociais e educativas fizeram surgir um olhar para essas mulheres para chamá-las para a vida pública. Diversos saberes ‘científicos’ foram destacados para a justificativa de ter uma professora mulher para a educação de crianças. Diversas teorias passaram a considerar que o afeto que (característica do feminino hegemônico) era de extrema importância para o desenvolvimento pleno infantil. O discurso oficial toma isto como uma norma. Segundo Louro (1997):

(...) a representação do magistério passa, então, a ser mais claramente feminina- pelo menos o magistério primário ou de primeiro grau. Será endereçada especialmente para esta professora a fala dos políticos, os conselhos

dos religiosos, as expectativas dos pais de família. Objeto de poesias, músicas datas comemorativas, alegorias e exortações, ela irá, assim se constituindo, adquirindo contornos que permitem reconhecê-la imediatamente. (p.98)

O amor, abnegação e paciência eram (e são) condicionantes para que docência fosse cumprida. São comuns discursos que projetam a “boa professora” como aquela que, independentemente das condições adversas, ‘dá sua vida’ para formar seus alunos pois esta é a missão dela. Segundo Louro: “Em seu processo de feminização, o magistério, pois, tomar de empréstimo atributos que são tradicionalmente associados às mulheres, como amor, a sensibilidade, o cuidado etc. Para ser admissível como uma profissão conveniente.” (p.97)

A docência sempre esteve pautada num feminino hegemônico: podemos dizer que esta representação serve ao magistério uma lógica



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

heteronormativa e cisgênera sobre o feminino que era (e é) prezado para a docência como algo naturalizado. Contudo, podemos dizer que todas as professoras desde que a feminização se efetivou foram femininas como o proposto? E as mulheres que não estão nesta *caixinha* podem contribuir para a desnaturalização?

Pensar a categoria mulher professora numa completude é algo impossível pois nem mesmo a categoria mulher alcança uma completude. Mesmo quando pensada numa lógica de interseccionalidade levando em consideração o viés de classe e de raça, não é possível demarcar o que é ser uma mulher pois as feminilidades são diversas. Definir uma identidade docente para pensar em quais elementos uma professora precisa ter para garantir um pedagógico também se torna algo impossível pois estamos falando de realidades únicas que demandam da professora atitudes únicas a todo momento.

Neste trabalho tenho pretensão de trazer estas professoras que não estão dentro da *caixinha* heteronormativa, por meio da metodologia de trajetória de vida a pesquisa ainda está em andamento). Entender um pouco do que ser professora fora de feminino

universal significa para estas mulheres, das dificuldades, dos seus desejos em sala de aula. Estas que já representam uma subversão só de ocupar estes lugares que não delas por 'direito' pois por exemplo: como uma professora lésbica que veste roupas ditas do guarda-roupa masculino pode ser vista como uma professora delicada capaz de alfabetizar crianças? E a professora travesti que pode 'confundir' as crianças deixando-as pensar se ela é homem ou mulher? A professora prostituta pode ter as duas profissões já que para ser docente ela necessita de ser pura? O feminismo esperado de uma 'boa' professora faz sentido para uma quantidade mínima de professoras diante da infinidade de feminilidades que nos deparamos, pensar nisso é assustador pois vemos como uma minoria se torna o valorizado diante de uma pluralidade que precisa buscar visibilidade: o ser mulher nas suas diversas formas ainda luta para ter aceitação, para ser vistas como portadoras de direito.

Um dos objetivos desta metodologia é conhecer uma história que ultrapasse a do narrador pois me permite complexificar discursos sociais que muitas vezes estão presentes nas



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

realidades de boa parte da sociedade.

Busco por meio das falas dessas professoras o que é ser uma docente que não está dentro da *caixinha* do feminino esperado para as mulheres em sociedade. Estas não são professoras ‘belas, recatadas e do lar’ e qual os significados disso para elas, considerando as diversas violências que lhes estão impostas, o fato de não serem valorizadas pois muitas vezes nem são consideradas mulheres ‘de verdade’: elas vivenciam diversos discursos de ódio e assédios nas escolas, logo trazer isso à toa só poderia ser por meio delas. A ideia de violência que trabalho vem do conceito butleriano de *abjeto* que é para a autora todos aqueles que por não estão na lógica heteronormativa vivenciam violências sem ter solidariedade por parte das pessoas, a autora deixa que claro que há vidas que são passíveis de luto e outras não pois a questão de perceber quem são seus ‘semelhantes’ pois a concepção do que é uma vida humana passa por m lógica de poder e de normatização.

A docência como performatividade

Todo corpo é generificado antes do nascimento: ao vemos uma gravidez e questionamos qual o sexo do bebê esperado, ao saber da resposta, já mergulhamos o nos discursos que

permeiam seu sexo. Se o bebê tiver pênis já o chamamos de *menino* e será criado num discurso generificado: provavelmente seu quarto será azul, ela ganhará carrinhos, e ao se tornar adulto, espera-se que ele seja um homem viril e se apaixone por mulheres. Para a *menina*, ao nascer com vagina, ela provavelmente terá um quarto rosa, ganhará bonecas e será iniciada a ser cuidadora, quieta, delicada, e ao crescer deverá se relacionar sexualmente com homens. Devemos admitir que mesmo que não nascemos como menino (gênero masculino) ou menina (gênero feminino) desde antes do nosso nascimento já estamos sendo lidos macho ou fêmea e que a partir do nosso sexo, nosso corpo é subjetivado à lógicas heteronormativas que irão gerir nossas condutas.

A materialidade do corpo existe quando podemos o compreendemos por meio dos discursos pois ele está inserido num contexto cultural que impõe um conjunto de normas: cada sujeito inserido no contexto social por meio das relações de poder. O corpo generificado é aquele que abraça as possibilidades para dar uma ‘forma’ cultural a ele, aceitando normas imposta a ele ou transgredindo-as formando um corpo



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

fora do padrão considerado estranho ou inexistente, o *queer*. Segundo Butler (2000):

Neste sentido, o que constitui a fixidez do corpo, seus contornos, seus movimentos, será plenamente material, mas a materialidade será repensada como efeito de poder, como efeito mais produtivo do poder. Não se pode, de forma alguma, conceber o gênero como um constructo cultural que é simplesmente imposto sobre a superfície da matéria-quer se entenda essa como o ‘corpo’ quer como um suposto sexo. Ao invés disso, uma vez que o ‘próprio’ sexo’ seja compreendido em sua normatividade, materialidade do corpo não pode ser pensada separadamente (p.152)

A diferença sexual em Butler sempre será marcada por práticas discursivas em que o sexo se torna um ideal regulatório que produz normas nos corpos: a materialidade corporal se trata de um poder efetivado num corpo generificado em que não se trata de um sexo natural ou pré-discursivo. O sexo é nossa identidade sexualizada, trata-se de percebemos como devido as atribuições dadas ao sexo não são naturais: as pessoas são invocadas a assumir seu sexo genital numa posição social. O gênero não é algo substantivo, mas algo que implica uma ação. A escolha não é algo livre pois implica com o que é esperado para o sujeito numa lógica heteronormativa, a autora se questiona até onde as identidades de gênero se formam por conta das regulações da heterossexualidade que todos nos evidenciamos sociocultural. Um corpo performativo não é apenas uma descrição do que seria um homem ou uma mulher, mas um ser constituído de papéis a desempenhar conforme o sexo que ele possui. Segundo Salih (2015) ‘O gênero não é apenas um processo, mas um tipo particular de processo, “um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido”(…).(p. 89)



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ao percebemos os gêneros como uma ‘roupa’ por cima de corpos sexualizados: sexo é efeito do poder, que regula nossos corpos, porém não podemos definir quem o possui esse poder de regulação pois este não é personalizado. Não como saber quem ‘determinou estas normas’, sim questioná-las como algo não natural, questionar as performatividades

O gênero não pode ser uma construção pois não existe um *eu* que o construir: até porque dentro de uma sociedade heteronormativa que mata que não estar dentro da cisgeneridade, porque alguém optaria em escolher um gênero ‘não coerente’ com seu sexo quando este viverá até em risco de vida? Não há razão lógica de pensar gênero como uma construção num corpo neutro. A tomada de um gênero num corpo sexuado não pode se dá com um *eu* fazedor intencional. A concepção de gênero como algo construído deve ser problematizada pois ao pensarmos em construção estamos definido quem a fez, quando assumirmos um gênero este não é uma escolha pessoal de forma que qualquer processo de generificação é marcado por uma regulação de um poder não personalizado, não há como determinar ‘quem disse’ que determinados atributos são

‘masculinos’ ou ‘femininos’ até porque isso se torna irrelevante quando sabemos que o mais importante é perceber como estes discursos nos marcam. Segundo Butler (2015):

(...) Ora, do ponto de vista desse campo, certos tipos de ‘identidade de gênero’ parecem meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente por não se conformarem às normas de inteligibilidade cultural. Entretanto, sua persistência e proliferação criam oportunidades críticas de expor limites e os objetivos regulares desse campo de inteligibilidade e, consequentemente, de disseminar, nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem de gênero. (p.44)



A citacionalidade é um conceito que se consiste em entender o poder que um ato discursivo possui dentro da normatividade. esta está ligada a como a quem pode ministrar um ato. Este é um conceito derridariano para descrever como as normas se tornam ontológicas numa relação de poder. O gênero citado é aquele que é forçado pela norma heteronormativa, é aquele que se tornou o 'certo' para se citado. Ele se liga a performatividade quando o gênero é citado para se tornar legitimado. Segundo Butler (2000):

Entretanto, se todos os signos linguísticos são citacionais, a citacionalidade em si mesma não é uma prática subversiva e, como consequência, certos signos continuarão a funcionar em favor, das normas opressivas heterossexualizantes (e isso algo já sabemos pela descrição de Butler como uma 'feminilidade forçada da

norma'. Evidente, há citações 'boas' (subversivas) e citações 'más' (forçadas), e a tarefa consiste em distingui-las(...)p.134

E como pensar na performatividade? O conceito butleriano, a remodelação dos corpos por meio da relação de poder, o sexo se torna um dos reguladores do corpo em que o sujeito não nomeia as suas escolhas e sim é nomeado por elas, seu sexo se trata de uma assunção que envolve a autoidentificação e discursos hegemônicos heterossexuais que podem inibir ou negar outras possibilidades de identificações, os sujeitos só se tornam 'pessoas' quando se inserem dentro da lógica heteronormatizante, além disso estes sujeitos se constituem quando os 'não sujeitos', ou seja aqueles que não gozam da coerência da inteligibilidade estão fora do domínio do que designa o que é ou não um sujeito pois a formação dele necessita do repúdio ao abjeto, a materialização do sexo é ligada a intrinsecamente a sua regulamentação, logo ao abjeto é negado o direito de ser uma pessoa pois este é todo aquele que não se encaixa dentro de um padrão de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

normatização, neste caso estamos falando de quem não possui sexo no âmbito da lógica inteligível. Segundo Butler (2000):

Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são 'sujeitos', mas que formam o exterior constituído relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas 'inóspitas' e 'inabitáveis' da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitat sob o signo 'inabitável' é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. (p.154)

Os discursos naturalizados de que para ser uma boa professora é

preciso ser carinhosa, amorosa são atos performativos. A professora encena estas qualidades: uma professora mulher utilizando-se das qualidades femininas vai além de uma mera descrição e simplesmente passa a ser ações que se repetem a cada momento em sala de aula e fora dela, pois há diversas 'posturas' que são cobradas fora do ambiente de trabalho. Estes atos não podem ser personalizados, ou seja, não há como definir precisamente quem determinou qual era a maneira que as professoras deveriam ser, a performatividade docente está ligada ao modo de atuar no sentido que a repetição deste discurso permite que ele se legitime como o correto modo de ser professora. Antes de entrar numa sala de aula, uma menina já esteve lá convivendo com uma docente lendo suas atitudes e passando por um processo de subjetivação que mesmo que ela não vire professora, ela é capaz de saber como uma deve se portar, ninguém nasce professora, performance-se professora diariamente. A linguagem também é parte importante para pensarmos em performatividade docente: pois não há corpo docente fora da linguagem, os signos citacionais que estão ligados às normas ontológicas impregnadas nos discursos, um gênero



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que performativa perfeitamente é aquele que atende estas normas. Segundo Butler:

“Em outras palavras, a norma do sexo assume na medida em que ela é citada como tal norma, mas ela também deriva seu poder através das citações que ela impõe(...)”
(p.164)

Os discursos performativos que pairam sobre a docência são reguladores de um feminino universal, contudo não podemos dizer que estes são determinantes: temos momento que a norma se desestabiliza trazendo visibilidade para outras feminilidades, ser professora implica muitas vezes em ser feminina, doce, amorosa, contudo estas não são as únicas feminilidades presentes. Professoras transexuais, lésbicas, prostitutas, e outras que não estão dentro de um feminino universal estão nas escolas e estão realizando um trabalho pedagógico num espaço que não ‘é para elas’ pois não se encaixam no padrão de feminilidade esperado para o magistério. Contudo, estas mesmas realizam um papel dentro do magistério que é o de quebrar com a

naturalidade do ser professora, ao temos uma professora travesti, por exemplo, podemos concluir que é não é natural ser feminina para ser uma boa professora, podemos ter outras feminilidades trabalhando. Estas professoras também são fruto de uma resistência pois muitas não são consideradas pessoas, a professora travesti por exemplo, pode ser muitas vezes nem considerada uma ‘pessoa’ porque não está numa lógica de inteligibilidade. Elas travestis e transexuais encaram uma *parodia* que se trata de uma imitação do gênero diferente do seu sexo desnaturalizando-o, mostrando-nos que a vagina não é um ‘pré-requisito’ para ser mulher e sim que esta não é necessária para ter uma feminilidade.

Contudo, não podemos pensar que não há como romper com a heterormatividade pois apesar da norma há momentos de instabilidade: quando sujeitos que não se encaixam nas normas heterossexuais questionando-as e mostrando a não naturalização destas. O gênero é uma parodia pois é sempre uma imitação de algo já existente, contudo Butler, argumenta que quando uma pessoa desempenha uma *performance* de gênero que não é de seu



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sexo esperado, ele desnaturaliza a performatividade dos corpos, Butler (2015) usa a Drag Queen como ilustração para argumentar que quando uma Drag se veste de mulher, ela mostra o quanto não é natural ser mulher apenas por que se tem uma vagina, ser mulher é uma identidade de gênero que implica na regulação de um corpo. Este pode ser um ato subversivo pois desestabiliza por alguns momentos a heteronormatividade existente.

A paródia em Butler, ao contrário do conceito de performatividade, possui um fazedor que incorpora um gênero ‘não coerente de seu sexo’, esta paródia pode ser lida de duas maneiras: uma que não causa subversão, o que Butler chama de ‘entreterimento hétero de luxo’ que apenas reforça as papéis de gênero, as que causa subversões na naturalidade que na heteronormatividade, estabilizando a heterossexualidade melancólica. Devemos ter em mesmo que paródia seja subversiva, ela segue em repetições com signos citacionais estas repetições que ocorrem em gêneros não inteligíveis se tornam estratégias. O corpo que é naturalizado (e não natural) pelo discurso normatizante se perde neste processo podendo a linguagem que o

constitui ser contestada, quando alguém incorpora o gênero não coerente com seu sexo, ele se torna o abjeto pois não está na lógica e normatização tida como natural.

O processo de citacionalidade em si não representa uma subversão pois sempre que forçada, ela confirma a norma, contudo podemos dizer que há a citacionalidade pode ser útil para subverter signos, como por exemplo, o próprio termo *queer* que representou um xingamento para quem era não estava na lógica heteronormativa, e que após se tornou um signo para representar a resistência dessa população: num processo em que dá mesma maneira que um signo se torna pejorativo, ele pode ser tornar subversivo após se ‘citado’. É claro que as citações nem sempre conseguem atingir esta subversão já podem é reforçar estereótipos pois podem ainda mais marcar a heteronormatividade, como por exemplo, representações femininas de homens que se transveste de ‘professorinhas’ numa novela por exemplo, ali por mais que tenhamos um homem exercendo uma performance, ela apenas reforça o que é ser uma mulher professora e como ela deve se comportar na ‘vida real’.E o que Butler



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

chama de 'entretenimento hétero de luxo'.

O trabalho de distinguir o que é ou não subversivo é algo complexo, porém necessário, desvincular as performances dos discursos de poder para sobressaltá-las, em sala de aula, não podemos garantir que mulheres professoras que não estão dentro de uma lógica de feminilidade hegemônica são subversivas, mas com certeza só de tê-las naquele ambiente que não é para elas se torna os aspectos da docência como feminino universal desnaturalizados. Visibilizar estas docentes pode ser um caminho para que a docente pautada num feminino hegemônico possa começar a se desnaturalizada, entender que há diversas feminilidades na docência e que estas devem ser respeitadas e valorizadas no múltiplo.

CONCLUSÕES

Embora este trabalho ainda esteja em processo, podemos dizer que a docência

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estudo exploratório sobre o professor brasileiro com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília: Inep, 2009.

BUTHER, Judith. **Problemas de Gênero -**

está pautada feminização docente foi permeada por discursos que marcavam o feminino hegemônico como ferramenta pedagógica em que só temos 'boas professoras' quando elas se mostram 'femininas' e conseguem desenvolver características como o amor, abnegação e a dedicação. Não há como negar que este discurso serviu para esconder diversas dificuldades que a profissão enfrenta, contudo para além disso, devemos nos atentar que nem todas as professoras possuem essa feminilidade exigida, e trazer a visibilidade para esta questão é a proposta deste trabalho. Entender a docência como um ato performativo em que a professora em sala encena diversas qualidades para exercer sua profissão e como isto é regulador, é a primeira proposta para entendermos que não há naturalidade em ser uma docente 'feminina'. Trazer outras atrizes para este debate é o primeiro passo para contestar que todas as feminilidades estão em sala de aula

Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.8ª edição.

BUTLER, Judith. **Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo** in LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado.** Belo Horizonte: Editora Autêntica:2000-2º



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

edição.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação uma perspectiva pós-estruturalista** - Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

MEYER, Dagmar Esternmann. PARAÍSO, Marluce Alves (organizadoras). **Metodologia de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

